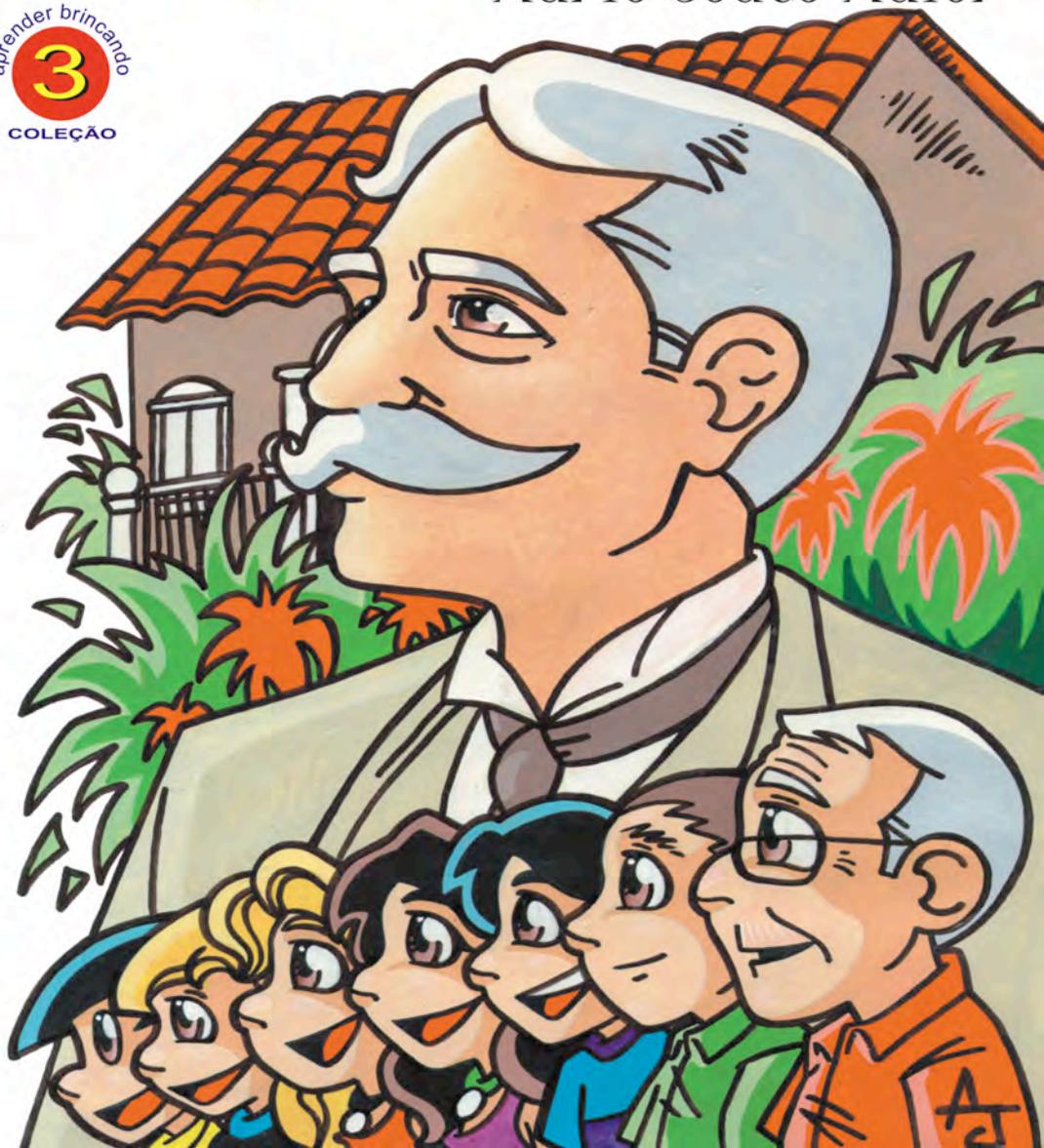


Um menino chamado Joaquim Nabuco

Mário Souto Maior

aprender brincando
3
COLEÇÃO



pernambucana de folclore com Waldemar Valente (1988), Antologia da poesia popular de Pernambuco com Waldemar Valente (1989), Antologia do carnaval do Recife com Leonardo Dantas Silva (1991), A língua na boca do povo (1992), Sogra: prós & contras (1992), O Recife, quatro séculos de sua paisagem com Leonardo Dantas Silva (1992), O puxa-saco: aqui, ali & acolá (1993), A paisagem pernambucana com Leonardo Dantas Silva (1993), Três estórias de Deus quando fez o mundo (1993), Riqueza, alimentação e folclore do coco (1994), Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa (1994), A mulher e o homem na sabedoria popular (1994), A mulher que enganou o diabo (1994), As dobras do tempo: quase memórias (1995), O homem e o tempo (1995), Brasil x Portugal: aquele abraço (1995), Folclore, etc & tal (1995), Os mistérios do faz-mal (1996), Frei Damião: um santo? (1998), Orações que o povo reza (1998), Pedro e seus mil carneirinhos (1998), Cangaço: algumas referências bibliográficas (1999), A mulher que casou com uma cobra, (1999), Padre Cícero Romão Batista: algumas referências bibliográficas, Dicionário de Folcloristas Brasileiros (1999), Um Menino Chamado Gilberto Freyre (1999) e Um Menino Chamado Hélder Câmara (1999). Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco, onde atualmente exerce as funções de chefe da Coordenadoria de Estudos Folclóricos, Mário Souto Maior é poeta, contista, pesquisador, colaborando em jornais e revistas especializadas do Brasil e do estrangeiro e, em 1979, com o livro Folclore & Alimentação ganhou o Prêmio Sílvio Romero, do Ministério da Educação e Cultura e, com o mesmo livro, em 1989, ganhou o Gran-Prêmio Íberoamericano Augusto Cortazar, instituído pelo Fondo Nacional de las Artes, do Ministério de la Educación y Justicia, da Argentina.

Mário Souto Maior
WebSite

www.soutomaior.eti.br
jan@soutomaior.eti.br

Um Menino
Chamado

Joaquim Nabuco



Mário Souto Maior

Copyright c 2012 Jan Souto Maior
Av. Getúlio Vargas, 963
53030-010 Olinda, Pernambuco, Brasil

MsM Web Site
<http://www.soutomaior.eti.br>
jan@soutomaior.eti.br

Todos os direitos reservados são protegidos pela Lei nº 9.610, de 12.02.1998
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, dos herdeiros do autor

Capa e Projeto Gráfico
Jan Souto Maior
jan@soutomaior.eti.br

Ilustrações
Marcel Mello

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Um Menino
Chamado

Joaquim Nabuco



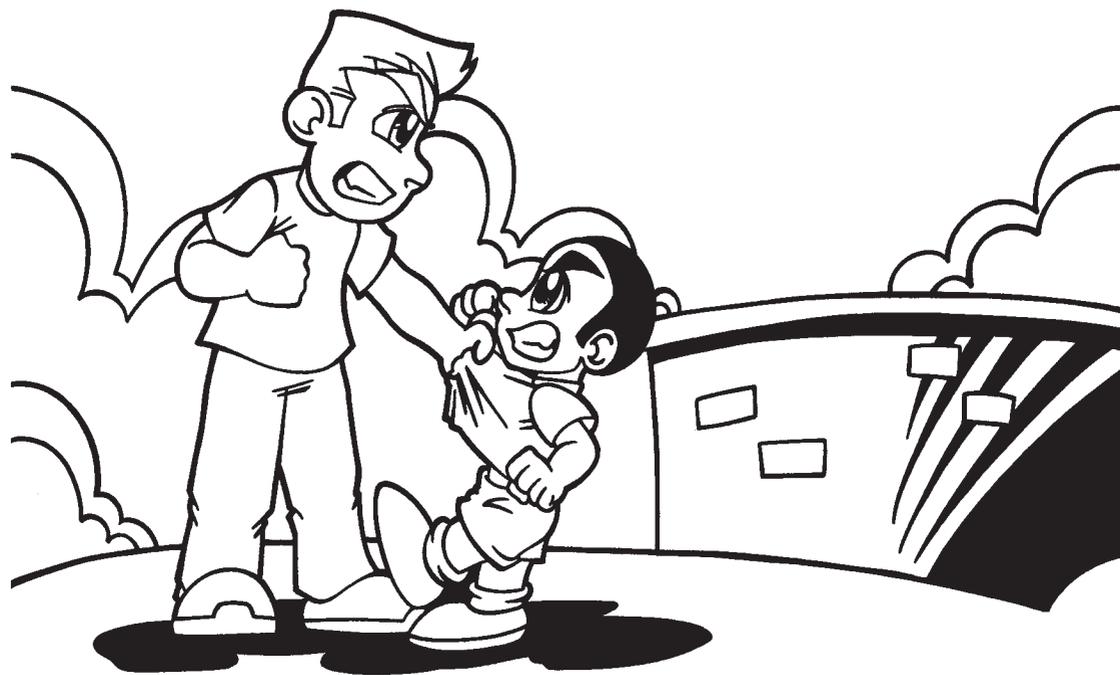
- Você não sabe o que aconteceu ontem na minha escola, vô! Um colega meu, no recreio, foi apartar uma briga.

- Uma briga? – quis saber Marcelo.

- Uma briga , sim – continuou Bruno – uma briga que começou quando Júlio, um menino já meio grande e forte, agrediu Pedrinho. Pedrinho é negro e todo mundo gosta dele. E Júlio chamou Pedrinho de negro, dizendo, ainda, que negro não era gente. Pedrinho disse que se orgulhava de ser negro e que tinha muito negro que era melhor do que certos brancos. Júlio partiu prá cima de Pedrinho, dando-lhe socos e pontapés. Aí Jacinto se meteu na briga, levando um soco na boca chega saiu sangue.

- Ele morreu, vô? – perguntou Lucas.

- Não, Lucas. Mas ficou doendo muito.



- Nossa! – falou Érica. Como é que um menino maior e mais forte agride um colega menor e mais fraco, somente porque ele é negro. O que é que você acha, vô?

- Antes de tudo eu acho que ninguém deve agredir as pessoas. A força muitas vezes é usada pelos que não têm razão. Se Deus botou as palavras na inteligência e na boca das pessoas foi para se entenderem. Na minha opinião Júlio errou duas vezes. Primeiro porque insultou Pedrinho, chamando-o de negro e segundo porque agrediu seu colega, menor e mais fraco, usando a violência, socos e pontapés. E Júlio não usou a inteligência. Esqueceu que brancos e negros são criaturas humanas completamente iguais. Todos têm corpo e espírito. A única diferença que existe entre negros e brancos é a cor da pele. Se um de vocês for ao mercadinho e comprar duas porções de queijo – o mais gostoso e mais caro que encontrar – e mandar embrulhar uma das porções com papel preto e a outra com papel branco, em casa, quando desembulhar as duas porções, o papel branco e o papel preto vão para o lixo, enquanto que o queijo é o mesmo, ambas as porções têm o mesmo sabor.

É bom lembrar que quando o negro africano chegou, em Pernambuco, ajudou muito a fazer

do nosso Estado um dos maiores produtores de açúcar do Brasil. Trabalhou na agricultura, plantando milho, feijão, arroz, frutas, verduras e nas fazendas, ajudando na criação de bois e na produção de leite destinados à alimentação de todos nós.

- E escravo e negro é a mesma coisa, vô? – perguntou Marcelo.

- O escravo, antigamente, vinha da África e era negro. Era comprado pelos senhores de engenho, pelos fazendeiros e pessoas ricas para trabalhar nos engenhos, nas fazendas, nas casas de família. O escravo não tinha vontade. Devia obediência ao seu dono. Era dado, trocado, vendido como qualquer coisa.

Trouxe seus instrumentos musicais, sua música, sua dança que tanto enriqueceram a música popular brasileira. Acrescentou à língua que falamos muitas palavras novas como angu, batuque, banguê, inhame, iaiá, quiabo, quitute, samba, tanga, zabumba, zebra e mais de trezentas outras palavras que nós falamos. Tornou a nossa culinária mais gostosa. E, por falar em negros, em escravos africanos, eu vou aproveitar a ocasião para contar a vocês a história de um pernambucano chamado Joaquim Nabuco, que muito se preocupou com a situação dos escravos.





Filho de José Tomás Nabuco de Araújo e de dona Ana Benigna de Sá Barreto, Joaquim Nabuco nasceu às 8:30 da manhã, no dia 19 de agosto de 1849, na antiga rua do Aterro da Boa Vista, hoje rua da Imperatriz, na cidade do Recife.

Quando era ainda uma criancinha, seus pais foram residir no Rio de Janeiro e o menino Joaquim Nabuco ficou morando com seus padrinhos Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho e dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, no Engenho Massangana, até os oito anos de idade.

Foi no Engenho Massangana que Joaquim Nabuco passou grande parte de sua infância, andando montado em carneirinhos, brincando sob as vistas de sua madrinha, com os filhos dos escravos que tinham a mesma idade. Lá, desde cedo, o menino Joaquim Nabuco começou a compreender que não havia diferença nenhuma entre brancos e negros, todos filhos de Deus, com o mesmo corpo, com a mesma alma.

Em 1857, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi viver em companhia de seus pais.

- Eu acho que ele não gostou muito, vô. Acostumado a viver no engenho, a brincar com os filhos dos escravos, a chupar cana, a comer torrões de açúcar dourado e ir viver numa ci-

grande como o Rio de Janeiro, não é vô? – comentou Carolina.

- É, Carolina. Mas, no Rio de Janeiro, o menino Joaquim Nabuco conheceu um mundo diferente, com coisas novas para ver, porque o Rio de Janeiro é uma cidade muito bonita, tão bonita que é chamada de Cidade Maravilhosa.

Ele começou, então, a estudar na cidade de Nova Friburgo, no Colégio do Barão de Tauthpholus, um professor alemão, onde estudavam os filhos das famílias nobres.

- Famílias nobres eram famílias ricas, vô? – perguntou Bruno.

- Eram. Quando o Brasil era uma monarquia, governado por um rei e uma rainha, seus filhos eram príncipes e princesas. As pessoas que faziam coisas importantes ganhavam títulos de barão, conde, duque, marquês e outros. Na sua maioria eram pessoas ricas, donas de muitas terras, de muitos escravos. Quando terminou o Curso de Humanidades, já um rapaz, Joaquim Nabuco matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde, por sua inteligência e simpatia era, já, um líder estudantil.

- E o que era Curso de Humanidades? – perguntou Érica.



- Antigamente, quando os alunos terminavam os cinco anos do curso ginásial, que hoje é o 1º grau, recebiam um certificado do Curso de Humanidades, de bacharéis em Ciências e Letras.

Em 1869, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Recife e começou a participar do movimento que queria acabar com a escravidão no Brasil. Como estudante de Direito, fez a defesa de um escravo acusado de haver assassinado seu dono, defesa que livrou o escravo da forca. Também escreveu o livro *A Escravidão*, que só foi publicado muitos anos depois, em 1888.

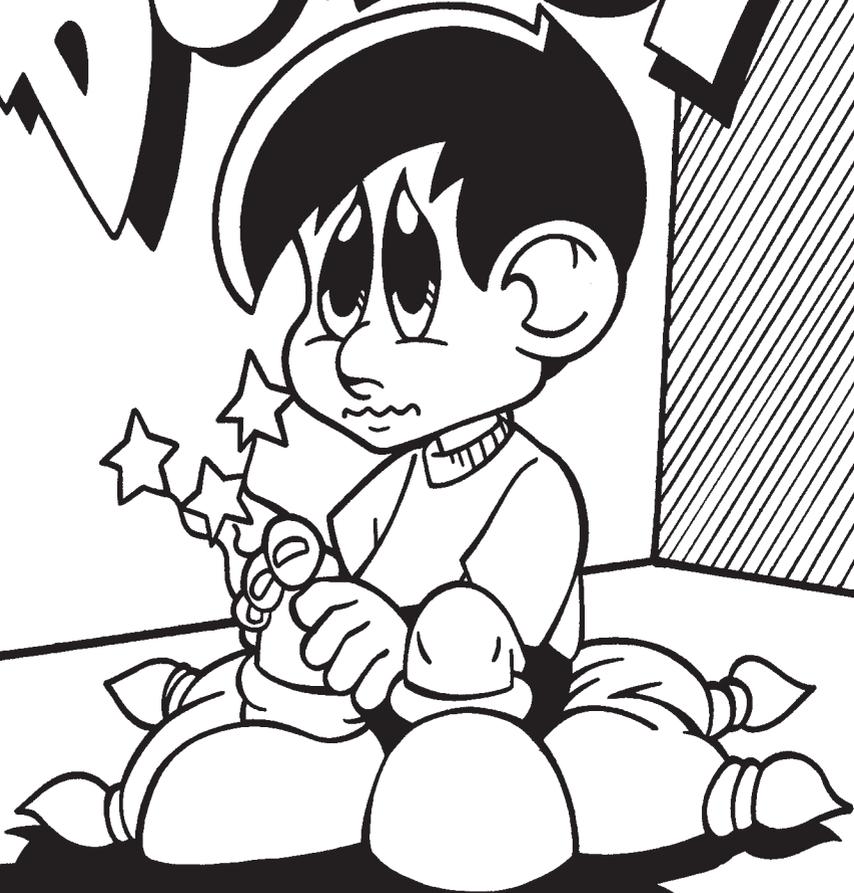
Quando terminou o curso de Direito, Joaquim Nabuco voltou a morar no Rio de Janeiro, onde começou a advogar.

Fez uma viagem por quase todos os países da Europa e, quando regressou, conseguiu seu primeiro trabalho, o de adido da Embaixada do Brasil nos Estados Unidos.

- Que quer dizer adido da Embaixada, vô? – perguntou Marcelo.

- Adido quer dizer auxiliar, Marcelo. É um funcionário que ajuda nos trabalhos da Embaixada, que é a representação de um país feita por pessoas em outro país.

DODODO!



De volta ao Brasil, foi eleito deputado geral por Pernambuco, após ter feito muitos comícios e conferências.

Na Câmara, Joaquim Nabuco desenvolveu suas idéias, apoiando a lei dos sexagenários, pela qual os escravos, depois de completar sessenta anos, ganhariam a liberdade.

Escreveu, então, vários trabalhos, muitos deles combatendo a escravidão e muitos livros entre os quais *Minha Formação*, *O Estadista do Império* e *Minha Fé*, no qual conta sua volta à Igreja Católica quando passou a frequentar as Cerimônias Religiosas na capela de Nossa Senhora das Dores.

- Vovô, *dodói*, gemeu Eduardo sonolento mostrando a perninha.

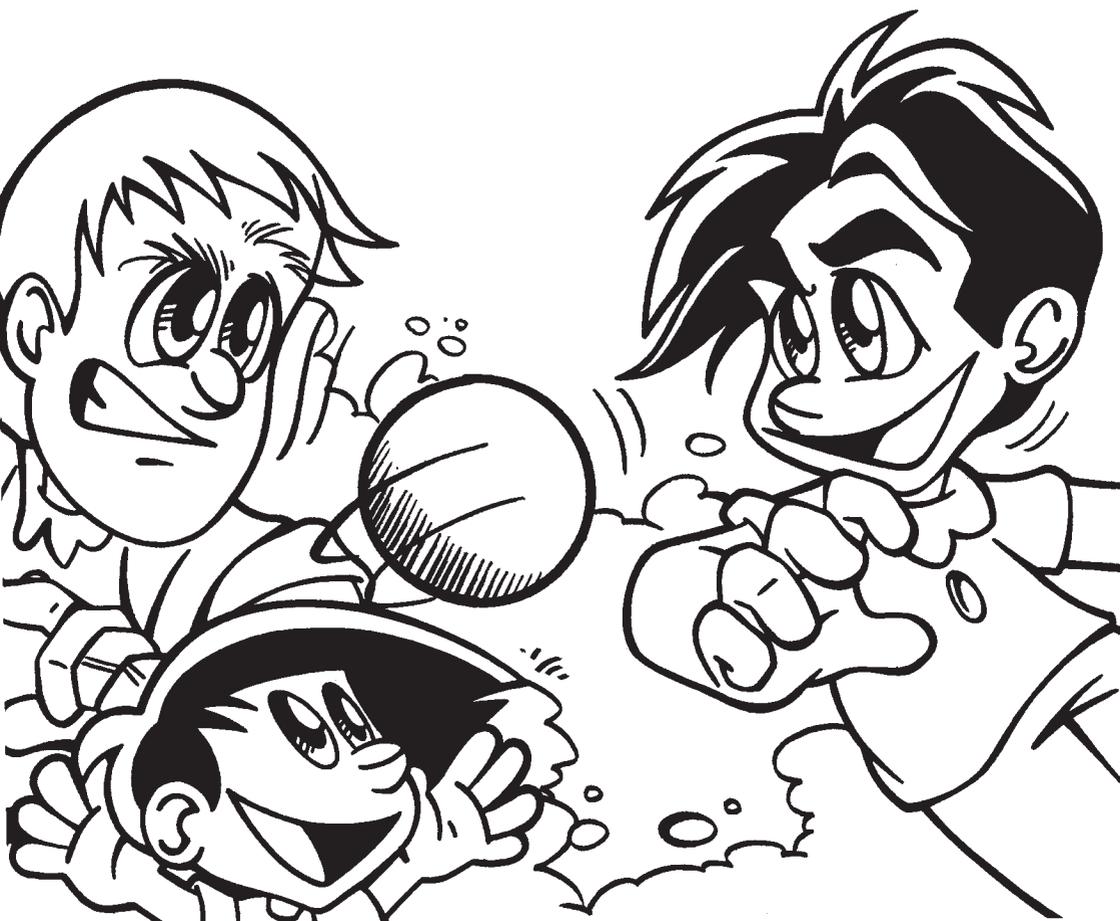
Em 1896 participou da fundação da Academia Brasileira de Letras, da qual foi seu secretário perpétuo.

Em 1900, Joaquim Nabuco aceitou o convite que lhe foi feito pelo governo republicano, tornando-se chefe da delegação brasileira em Londres e, em 1905 foi designado embaixador do Brasil em Washington, nos Estados Unidos.

No dia 17 de janeiro de 1910, após longa enfermidade, Joaquim Nabuco faleceu na cidade de Washington, seu corpo foi trazido

para o Brasil e sepultado no Cemitério de Santo Amaro, no Recife, onde é visitado e venerado pelos pernambucanos como um de seus filhos mais ilustres.

Com exceção de Lucas e Eduardo, que são muito pequenos para compreender certas coisas, os outros netos bateram palmas quando terminei de contar a história de um menino chamado Joaquim Nabuco.



LIVROS DE MÁRIO SOUTO MAIOR



- 01 - MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife, 1938.
- 02 - ROTEIRO DE BOM JARDIM. Recife, 1954. (Com Moacyr Souto Maior)
- 03 - COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo : Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984; 3ª ed. Recife : 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza : Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em CD, idem, 1997; adaptação teatral, Altimar Pimentel. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em Vídeo. Cabedelo : BF-Vídeo Produções, 1997.
- 04 - O CICLO. Recife, 1970.
- 05 - CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71; 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
- 06 - ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
- 07 - EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife, 1971.
- 08 - DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição). Recife, 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1985.
- 09 - A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 10 - NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3ª ed., Recife, 1992; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1996.
- 11 - TERRITÓRIO DA DANAÇÃO. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977), Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
- 12 - NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.

- 13 - DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições). Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; (4ª, 5ª, 6ª e 7ª ed). Rio de Janeiro: Record, 1988/1998, 173p.
- 14 - FOLCLOREOTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Pirata, 1980,1981.
- 15 - GALALAU E BATORÉS. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 16 - PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 17 - COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984-1985; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1995.
- 18 - MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 19 - SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 20 - REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986.
- 21 - FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
- 22 - VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
- 23 - FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmios Silvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortázar, 1989. Fondo Nacional de las Artes. Ministerio de Educación y Justicia, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- 24 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana, 1988. (Com Waldemar Valente)
- 25 - ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989. (Com Waldemar Valente)
- 26 - ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 27 - A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.
- 28 - SOGRAS: PRÓS & CONTRAS E OUTRAS CONVERSAS. Recife, 1992.
- 29 - O RECIFE: QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 30 - O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife, 1993.
- 31 - A PAISAGEM PERNAMBUCANA. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 32 - TRÊS ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore Infantil). Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1993.
- 33 - RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.
- 34 - GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.
- 35 - A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 36 - A MULHER QUE ENGANOU O DIABO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 37 - AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 38 - O HOMEM E O TEMPO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 39 - BRASIL X PORTUGAL: AQUELE ABRAÇO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 40 - FOLCLORE ETC & TAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 41 - OS MISTÉRIOS DO FAZ-MAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996.
- 42 - FREI DAMIÃO: UM SANTO? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

- 43 - ORAÇÕES QUE O POVO REZA. São Paulo: Editora IBRASA, 1998.
- 44 - PEDRO E SEUS MIL CARNEIRINHOS. Recife, 1998.
- 45 - CANGAÇO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 46 - PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 47 - DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
- 48 - A MOÇA QUE CASOU COM UMA COBRA (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999
- 49 - BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- 50 - UM MENINO CHAMADO GILBERTO FREYRE. Recife: FGF/Elógica Edições, 1999.
- 51 - UM MENINO CHAMADO HÉLDER CÂMARA. Recife: FGF/BCP Edições, 1999.
- 52 - UM MENINO CHAMADO JOAQUIM NABUCO. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.
- 53 - A MENINA E O PAPAGAIO (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000
- 54 - UM MENINO CHAMADO CAPIBA. Recife: FGF/BCP Edições, 2000.
- 55 - JOÃO MARTINS DE ATHAYDE (Introdução e Seleção). São Paulo: Editora Hedra, 2000.
- 56 - FREI DAMIÃO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000 (com Gutemberg Costa)
- 57 - UMA MENINA CHAMADA MAGDALENA FREYRE. Recife: Fundação Gilberto Freyre/BCP Telecomunicações, 2001.

FAÇA UM DESENHO BEM BONITO SOBRE O QUE VOCÊ ACABOU DE LER



MÁRIO SOUTO MAIOR nasceu no dia 14 de julho de 1920, na cidade de Bom Jardim, Pernambuco. Freqüentou a escola da professora Josefa Coleta de Albuquerque (Santinha), onde aprendeu as primeiras letras. No Colégio Marista, do Recife, fez o curso primário e ginasial. No Colégio Carneiro Leão, fez o curso pré-jurídico e em Maceió, na Faculdade de Direito de Alagoas, concluiu o curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Advogado, exerceu as funções de promotor público das comarcas de Surubim e João Alfredo. Foi prefeito de Orobó, professor da Escola Normal Santana, de Bom Jardim, fundador, diretor e professor do Ginásio de Bom Jardim, Inspetor Federal de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura. A partir de 1967 começou a trabalhar, na parte administrativa, no então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje, Fundação Joaquim Nabuco, e, em 1976, como diretor do Centro de Estudos Folclóricos, quando desenvolveu todas as suas pesquisas na área de sua especialidade. Publicou Como nasce um cabra da peste (1969), Cachaça (1970/1), Antônio Silvino Capitão de Trabuço (1971), Em torno de uma possível etnografia do pão (1971), Dicionário da cachaça (1973), A morte na boca do povo (1974), Nomes próprios poucos comuns (1974), Território da danação (1976), Nordeste: a inventiva popular (1978), Dicionário do Palavrão e termos afins (1980), Folclorerotismo (1980), Galalaus & batorés (1981), Paineis folclóricos do Nordeste (1981), Comes e bebes do Nordeste (1984), Remédios populares do Nordeste (1986), Folclore quase sempre (1986), Folclore e alimentação (1988), Antologia



Joaquim Nabuco, filho de José Tomás Nabuco de Araújo e de dona Ana Benigna de Sá Barreto, nasceu no dia 19 de agosto de 1849, na antiga Rua do Aterro da Boa Vista, hoje Rua da Imperatriz, na cidade do Recife. Seus pais foram morar no Rio de Janeiro e o menino ficou morando com seus padrinhos Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho e dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, no Engenho Massangana, onde viveu grande parte de sua infância, brincando com os filhos dos escravos. Em 1857 passou a morar com seus pais, no Rio de Janeiro, começando a estudar em Nova Friburgo, no Colégio Barão de Tauthphalus. Terminado o Curso de Humanidades, Joaquim Nabuco matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, transferindo-se, em 1869, para a Faculdade de Direito do Recife, onde concluiu o curso. Passou a residir no Rio de Janeiro, onde começou a advogar. Depois de uma viagem a diversos países da Europa, conseguiu seu primeiro trabalho como adido na Embaixada do Brasil nos Estados Unidos. Ingressando na política, foi deputado geral por Pernambuco. Abraçou a campanha da abolição da escravidão, pertenceu à Academia Brasileira de Letras, escreveu Minha formação, O estadista do Império e Minha fé. Foi designado embaixador do Brasil em Washington onde, após longa enfermidade, faleceu no dia 17 de janeiro de 1910, sendo sepultado no Cemitério de Santo Amaro, no Recife.